
ARTIGOS

Persp. Teol. 18 (1986) 293-314

COMUNHÃO ECLESIAL E MINISTÉRIO APOSTÓLICO nos Atos dos Apóstolos

Alberto Casalegno S.J.

Os Atos são um livro dinâmico. O movimento é gerado pelo Espírito, apresentado no texto como *força* que irrompe na história (1, 8). Agindo sobre os Doze, torna-os testemunhas através da palavra (4, 4.29.31...) e da realização de sinais e prodígios (2, 43; 4, 30; 5, 12). O percurso contínuo da Palavra é indicado em 1, 8: os apóstolos são destinados a ser testemunhas em Jerusalém, na Judéia, na Samaria, até os confins da terra¹. Neste trajeto que abarca todo o mundo conhecido de então, o Evangelho passa dinamicamente a diferentes grupos culturais e religiosos, sempre mais distantes de Jerusalém: dos judeus ortodoxos aos samaritanos heterodoxos (8, 4-25), aos prosélitos incorporados a Israel pela circuncisão e observância da Lei (8, 26-40), aos tementes a Deus ainda incircuncisos, mas simpatizantes da fé hebraica (10, 1-11, 18), até aos pagãos no sentido estrito, cuja evangelização inicia em Antióquia (11, 19-26) e se prolonga até o fim do livro por obra de Paulo. Quando a Palavra encontra acolhida, começa a consolidar-se a comunidade cristã. Esta é descrita num devir constante. É sublinhado o progressivo aumento de seus membros: cento e vinte (1, 15), três mil (2, 41), cinco mil (4, 4). Tal crescimento quantitativo está em relação com o qualitativo e corresponde a um desenvolvimento da fé e da adesão sempre mais perfeita ao Senhor (4, 47). Lucas, relatando no início dos Atos, um depois do outro, o evento de Pentecostes (2, 1-13), o discurso de Pedro (vv. 14-41), a vida da comunidade primitiva (vv. 42-47), tem a intenção não só de apresentar uma seqüência narrativa, mas especialmente de sublinhar a íntima relação existente entre *Espírito — Palavra — Igreja*, que constituem um paradigma fundamental, uma estrutura da história bíbli-

¹ Além do sentido óbvio, a expressão, que em grego está no singular, indica provavelmente também Roma, não no sentido puramente geográfico, mas enquanto capital do mundo pagão e, como tal, por razões religiosas, situada à margem do mundo. Cf. J. DUPONT, "La salvation des Gentils et la signification théologique du livre des Actes", *Études sur les Actes des Apôtres*, LD 45, Paris 1967, 393-419 (403-404).

ca neotestamentária².

Dentro desse quadro da obra de evangelização, perguntamos pela configuração das comunidades cristãs que aparecem no relato. É importante perguntar se existe entre elas um pluralismo de modelos organizativos, como vivem e simbolizam a união recíproca, qual a função do ministério apostólico na direção da Igreja e como é exercido. Estamos seguros de que uma leitura atenta dos acontecimentos da comunidade primitiva ajuda a compreender melhor a situação atual da Igreja, indicando uma direção por onde caminhar.

I. PLURALISMO DE MODELOS E DE SERVIÇOS ECLESIAIS

Notamos, antes de tudo, que nos Atos Lucas usa o termo *ekklesia* sempre em referência a uma comunidade local ou territorial, seja a comunidade de Jerusalém, seja uma Igreja particular da Judéia, ou a Igreja de Antioquia, de Cesaréia, ou uma das comunidades fundadas por Paulo³. Somente no fim do livro em 20, 18 o lexema é usado no sentido de Igreja em geral. A ótica de Lucas, portanto, se move desde uma perspectiva de comunidades particulares à de Igreja universal e não vice-versa. O evangelista deixa claro que tais Igrejas locais apresentam uma plurivalência de formas: trata-se não só de modelos diferentes de comunidades que surgem em âmbitos geográficos e situações diversas, mas também de uma pluralidade de ministérios no âmbito da mesma Igreja.

a) A Igreja de Jerusalém

É a primeira de todas as comunidades e como tal tem um papel particularíssimo na história dos inícios. Ligada a um determinado mundo cultural, o judaico, é fiel às tradições dos pais: seus membros abraçam a fé, conservando grande parte das tradições religiosas do passado (21, 20). Os ministérios que existem em seu interior são múltiplos.

Os *Doze*, que constituem o fundamento não só desta Igreja, mas também da universal, relacionam-se por seu número a um modelo organizativo próprio do mundo judaico vétero-testamentário. Nomeados um por um, tanto no início do evangelho (6, 13) como no primeiro capítulo

² Cf. V. FUSCO, "Effusione dello Spirito e Raduno dell'Israele disperso. Gerusalemme nell'episodio di Pentecoste (Atti 2, 1-13)", *Gerusalemme. Atti della XXVI Settimana Biblica in onore di Carlo Maria Martini*, Brescia 1982, 201-218 (216).

³ Mencionam-se a Igreja de Jerusalém em 5, 11; 8, 1.3; 11, 22; 12, 1.5; 15, 4. 22; a de Lida em 9, 32; a de Antioquia em 11, 26; 13, 1; 14, 27; 15, 3; a de Cesaréia em 18, 22; as fundadas por Paulo em 14, 23; 15, 41; 16, 5; 20, 17.

lo dos Atos (v. 13)⁴, garantem a continuidade entre a vida histórica de Jesus e a da comunidade primitiva. A sua preeminência é indiscutível: são os que perseveraram com Jesus na tentação (Lc 22, 28) e aos quais compete sentar-se em tronos para julgar as doze tribos de Israel (v. 30). O evangelista está consciente dessa função central no corpo eclesial e sublinha, num cuidadoso processo de redação, que eles gozam de uma especial assistência do Espírito Santo. De fato, se o acontecimento de Pentecostes interessa a toda a Igreja, contudo é verdade que para Lucas os Doze são os beneficiários particulares do dom do Espírito. O texto de Atos 1, 13-14 que recolhe o primeiro núcleo da comunidade cristã em oração na sala superior, põe em destaque os apóstolos em relação aos demais membros do grupo, Maria, as mulheres, os irmãos de Jesus, que são mencionados como acréscimo. A narração da descida do Espírito (2, 1-13) só acontece depois de reconstituído o número ideal dos Doze com a eleição de Matias (1, 15-26), indicando assim que o acontecimento interessa a todo o colégio. Depois de Pentecostes, Lucas só menciona Pedro com os outros apóstolos. A atenção do evangelista em relação à investidura do Espírito está, pois, centrada particularmente sobre os Doze⁵. De resto só a eles Jesus ordena aguardar a promessa do alto (1, 2.4). Como tal, têm eles um papel diretivo na vida interna da comunidade e em relação a sua missão.

Outro ministério da comunidade jerosolimitana é o dos Sete. As necessidades históricas de um serviço assistencial mais adequado fazem surgir este novo ofício. Nasce em consequência de um conflito entre os judeu-cristãos de língua e cultura grega e os irmãos de origem palestinese e de língua aramaica: aumentara o número dos membros da comunidade e faltava uma organização adequada (6, 1). No relato estilizado de Lucas os Sete aparecem como encarregados de uma função caritativa em uma comunidade unitária. De fato devem ter constituído um grupo diretivo para os cristãos helenistas, em condições de compreender melhor sua problemática e seu modo de pensar. Na realidade o conflito entre os dois grupos cristãos não deve ter sido simplesmente relativo à assistência cotidiana às viúvas, mas deve ter dito respeito ao modo particular de entender a Lei e o culto hebraico após a vinda de Jesus⁶. Para re-

⁴ Diferentemente dos outros dois sinóticos, são qualificados como *apóstolos* tanto no evangelho (6, 13; 9, 10; 11, 49; 17, 5; 22, 14; 24, 10) como nos Atos. De resto, o termo aparece só em Mt 10, 2 e em Mc 3, 14; 6, 30.

⁵ J. DUPONT, "Les ministères de l'Église naissante d'après les Actes des Apôtres", *Nouvelles Études sur les Actes des Apôtres*, LD 118, Paris 1984, 133-185 (146-147).

⁶ R. FABRIS, *Atti degli Apostoli*, Roma 1977, 202-204.

solver-se o problema teve que efetuar-se uma primeira descentralização na organização da comunidade de Jerusalém. Na verdade, o número dos Sete corresponde ao dos administradores das comunidades judaicas⁷ e todos os seus nomes indicam a pertença à fração helenista⁸. O grupo dos convertidos da diáspora e o proveniente do hebraísmo devem, portanto, ter constituído em Jerusalém duas comunidades paralelas, dependentes dos apóstolos, participantes da mesma fé e respeitadas das respectivas diferenças culturais. Os Sete não têm no texto uma simples função de apoio aos Doze, como meros subordinados, mas gozam de autonomia particular, embora em harmonia com o ministério apostólico. Na realidade, eles não são nunca apresentados dedicando-se ao serviço da mesa, mas como os primeiros a compreender o dinamismo da Palavra em termos de atividade missionária (6, 8-10; 8, 26-40)⁹.

Depois da dispersão do grupo helenista, acontecida após o martírio de Estêvão (8, 1)¹⁰, Lucas menciona a presença dos *anciãos* em Jerusalém. O texto dos Atos não descreve como se tenha chegado à formação deste novo ministério. Eles aparecem pela primeira vez em 11, 30 como encarregados de receber a ajuda econômica das Igrejas da Síria em favor da comunidade jerosolimitana. Esse ofício, exercido normalmente pelos Doze (4, 35.37; 5, 2), tornou-se atribuição dos presbíteros, apesar de os Doze permanecerem ainda na cidade (11, 1-18; 12, 1-25). Na reunião de Jerusalém, os anciãos, qualificados como "irmãos", comparecem ao lado dos apóstolos (15, 2.4.6.22.23). O texto, que sublinha os vínculos de unidade entre esses dois ministérios (v. 23), faz pensar que os presbíteros gozam de uma competência doutrinal e que seu papel não se limita só a um âmbito administrativo¹¹. De fato, eles constituem o conselho dos responsáveis de origem judaica da comunidade local de Jerusalém, semelhante ao grupo diretivo existente na sinagoga¹². Paulo

⁷ H. L. STRACK — P. BILLERBECK, *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, II, München 1924, 641; K. M. RENGSTORF, "Hepta", *TWNT*, II, Stuttgart 1935, 623-631 (630).

⁸ DUPONT, "Ministères" 153-154.

⁹ L. LEGRAND, "Les devanciers de Paul dans la mission selon les Actes des Apôtres", *Paul de Tarse Apôtre de notre temps*, Romae 1979, 61-64 (66). N.B.: Os Sete não se identificam com os diaconos que são um ministério posterior, cf. Fl 1, 1; 1 Tm 3, 8-13.

¹⁰ A expressão "foram dispersos todos exceto os apóstolos" é provavelmente muito significativa e indica verossimilmente que todo o grupo de cristãos de língua aramaica permanece em Jerusalém.

¹¹ P. STUHLMACHER, "Evangelium, Apostolat, Gemeinde", *KerDo* 17 (1971) 28-45 (33).

¹² Em Lc 22, 66 e At 22, 5 também o sinédrio é chamado de *presbitério*.

encontra-os na cidade santa, ao voltar de sua última viagem apostólica, como os únicos dirigentes, com Tiago à cabeça. Eles devem, pois, provavelmente ter assumido parte das funções dos apóstolos depois de seu desaparecimento.

Ao apresentar a Igreja jerosolimitana, Lucas recorda ainda a presença do *carisma profético*, uma competência reconhecida pela comunidade, que não é objeto de nenhuma instituição particular. Em Antioquia atuam profetas itinerantes de Jerusalém, que anunciam a fome no tempo de Cláudio (11, 27-28); um deles, em Cesaréia, prediz a Paulo sua próxima prisão (21, 10-11). Ainda Judas e Silas, da comunidade de Jerusalém, que "com um longo discurso" falam em nome de Deus na capital da Síria, são qualificados de profetas (15, 32)¹³.

A comunidade de Jerusalém manifesta, portanto, uma fisionomia bem precisa e articulada: unida em torno dos Doze, que têm o papel particular de responsáveis por toda a Igreja, ela é um organismo vivo, capaz de dar-se novos ministérios, de acordo com as necessidades. Sabe enfrentar os conflitos e tensões que nascem em seu seio e cresce superando-os. Toma decisões corajosas, reconhece autonomias particulares, respeita sensibilidades culturais diferentes.

b) A comunidade de Antioquia

É um outro modelo de Igreja que merece atenção, mesmo que Lucas não faça uma reflexão ampla sobre a organização desta comunidade de fora da Palestina. Fundada pelos que foram obrigados a abandonar Jerusalém após a perseguição dos judeus (8, 1; 11, 19), representa uma virada histórica no desenvolvimento do cristianismo primitivo, pois pela primeira vez em tal cidade se anuncia a Palavra não só aos convertidos do judaísmo, mas também aos pagãos e incircuncisos. Isto acontece antes do concílio de Jerusalém e se deve à iniciativa de anônimos cipriotas e cirineus. Ao autor dos Atos não escapa a importância dessa fundação, que é a base estratégica da missão de Paulo entre os pagãos, sublinhando, ainda antes de sua aprovação oficial, que a mão do Senhor agia através desses arrojados missionários (11, 12).

Mencionada umas treze vezes no relato dos Atos, esta Igreja deriva a sua importância do fato de ser constituída na terceira cidade do Império, depois de Roma e Alexandria, sede do governador da província

¹³ A. GEORGE, "Les ministères", *Études sur l'oeuvre de Luc*, Paris 1978, 369-394 (377), vê na apresentação dos profetas jerosolimitanos itinerantes a irradiação carismática desta Igreja. Cf. A. LEMAIRE, *Les ministères aux origines de l'Eglise*. Naissance de la triple hiérarchie: évêques, presbytres, diacres, LD 68, Paris 1971, 64.70.139-141.

cia da Síria e da Cilícia, ponto de caldeamento de raças e de culturas diferentes.

O texto afirma que a comunidade é constituída por "profetas e doutores" (13, 1): sua estrutura de sustentação é, pois, diferente da de Jerusalém. Os *profetas* são homens suscitados pela livre intervenção do Espírito, com o encargo de falarem em nome de Deus e de exortarem a comunidade; os *doutores* são os encarregados do ensinamento sistemático. Como conhecedores competentes da Escritura têm a função de ajudar na compreensão do mistério cristão, de promover a reflexão doutrinal sobre a base do Evangelho, de ilustrar as exigências morais da práxis cristã¹⁴. O texto de 13, 1 mencionando conjuntamente estas duas categorias de ministérios, indica sua recíproca interdependência: a docilidade ao Espírito e o ensinamento doutrinal do Evangelho são de fato duas dimensões que se exigem mutuamente (cf. 15, 32). E é até possível pensar que "profetas e doutores" seja uma qualificação global que diz respeito a todo o corpo que preside a comunidade, constituído por cinco pessoas (cf. 1, 13; 6, 5). A assembléia é descrita durante um ato litúrgico e um jejum no qual o Espírito separa Barnabé e Paulo, membros do grupo dirigente da Igreja, para a missão que devem realizar. Esses acenos bastam para fazer compreender que nesta Igreja, surgida num território pagão, prevalece a dimensão carismática, diferentemente da Igreja de Jerusalém organizada em torno aos Doze e aos presbíteros¹⁵. Precisa-se, contudo, que tal dimensão carismática não significa a abolição de todo e qualquer elemento institucional. Com o gesto da imposição das mãos, Barnabé e Paulo são recomendados a Deus para a tarefa específica que devem desenvolver¹⁶. Significa que seu ministério, se está ligado ao Espírito que os acolheu, depende, no entanto, da comunidade que os envia (14, 4.14).

A comunidade de Antioquia se aproxima, portanto, mais do modelo da Igreja paulina de Corinto (cf. 1 Co 14). Uma Igreja semelhante é, muito provavelmente, também a de Cesaréia (At 21, 8-9), na qual desempenham um papel importante o evangelista Filipe e suas quatro filhas profetisas.

¹⁴ J. DELORME, "Diversité et unité des ministères d'après le Nouveau Testament", *Le ministère et les ministères selon le Nouveau Testament*, Paris 1974, 283-346 (333-335).

¹⁵ B. SESBOÜÉ, "Ministères et structure de l'Église. Réflexion théologique à partir du Nouveau Testament", *Le ministère et les ministères selon le Nouveau Testament*, Paris 1974, 347-417 (395-396); A. LEMAIRE, "Dos serviços aos ministérios: os serviços eclesiais nos dois primeiros séculos", *Conc 80* (1972) 1265-1277 (1270).

¹⁶ DUPONT, "Ministères" 168-171.

c) As Igrejas paulinas

Os dados a propósito são muito reduzidos. Lucas apresenta grupos de fiéis ligados ao apóstolo e visitados constantemente por ele. Menciona embriões de Igrejas que se reúnem nas casas, como em Filipos (16, 15.40), em Corinto (17, 5.9), em Trôade (20, 7.12)¹⁷. Além da organização móvel, constituída por Paulo, Silas, Timóteo (17, 15; 18, 5), há núcleos de cristãos com um mínimo de estruturação. Em 20, 4 se fala de *delegados*, enviados com Paulo da Beréia, de Tessalônica e da Igreja da Ásia a Jerusalém¹⁸. Nas Igrejas paulinas também as *mulheres* têm mais prestígio e mais iniciativa: Lídia (16, 15.40), Dâmaris (17, 34), as mulheres da Beréia (17, 12), Priscila, mencionada em Éfeso antes de Áquila, como a indicar a particular responsabilidade no trabalho catequético (18, 26), as filhas de Filipe (21, 8), são em maior ou menor medida figuras de relevo nas comunidades. Só a propósito das Igrejas de Licaônia e da Pisídia, Lucas afirma a existência de um ministério preciso: o dos *presbíteros* constituídos por Paulo e Barnabé como responsáveis pela comunidade (14, 23). Eles aparecem ainda como dirigentes da Igreja de Éfeso (20, 17).

Pelos elementos postos à luz, pode-se concluir, pois, que nos Atos, a Igreja de Jerusalém, a de Antioquia e, ainda que com menor evidência, as paulinas representam modelos diferentes de comunidade e testemunham o pluralismo existente na estrutura eclesial dos inícios. Se se tem em conta que provavelmente Lucas mencionando os anciãos nas Igrejas fundadas por Paulo, atribui a um momento histórico anterior uma instituição própria de seu tempo¹⁹, é possível afirmar que na época do evan-

¹⁷ Também em Jerusalém as reuniões dos cristãos acontecem nas casas, At 2, 46; 5, 42; 12, 12.

¹⁸ FABRIS, *Atti* 186-191.

¹⁹ De fato é estranho que nas suas cartas Paulo não fale nunca de presbíteros para indicar algum ministro das comunidades por ele fundadas. Pergunta-se, por isso, se essa instituição, em particular na Igreja de Licaônia e da Pisídia, tem respaldo histórico. Afirma-o E. NELLESEN, "Die Presbyter der Gemeinden in Lykaonien und Pisidien (Apg 14, 23)", *Les Actes des Apôtres*. Traditions, Rédaction, Théologie, (ed. J. KREMER), Leuven 1979, 493-498. Tendo presente o marcado trabalho redacional do evangelista em 14, 22-23, parece, porém, mais óbvio sustentar que Lucas não cita uma fonte contemporânea aos fatos, mas posterior; por isso não nos é dado saber sobre a organização eclesial efetiva daquelas comunidades no tempo de sua fundação. Cf. DUPONT, "Ministères" 172-179; GEORGE, "Ministères" 384-385.

gelista a organização presbiteral era a mais difundida²⁰ e se tornara fundamental tanto na comunidade de Jerusalém como nas de fora da Palestina.

II. O VÍNCULO DA UNIDADE

No amplo quadro da vida das comunidades traçado por Lucas, no qual, junto com as formas institucionais definidas, há estruturas organizativas reduzidas ao essencial e ligadas a situações contingentes, o evangelista sublinha com insistência o valor da unidade. Vários são os motivos que ele usa com este objetivo para descrever seja a comunhão existente no interior da comunidade de Jerusalém, seja a vigente entre as várias Igrejas.

a) A vida de comunhão em Jerusalém

A unidade entre os membros da Igreja jerosolimitana é particularmente colocada à luz nos sumários de At 2, 42-47 e 4, 32-37 que, se se referem a essa comunidade, têm também a função de traçar um quadro ideal da Igreja enquanto tal. A união se manifesta através de um gesto concreto: pôr os bens em comum. O texto afirma que o arrecadado com a venda das posses dos indivíduos é distribuído segundo as necessidades de cada um (2, 45; 4, 34-35). Trata-se de uma ação espontânea e livre não de uma prática obrigatória e generalizada, como o demonstra o exemplo excepcional de Barnabé, digno de ser particularmente mencionado (4, 36-37)²¹.

O gesto de partilha não é simplesmente um ato humanitário, mas simboliza a profunda união espiritual que existe entre os cristãos e que se exprime na fé comum e na participação na eucaristia. Lucas a recorda em 4, 32, afirmando que a multidão dos crentes era "um só coração e uma só alma". O teor da expressão é digno de nota: o evangelista não se limita a mencionar a fraternidade espiritual entre os cristãos usando a fórmula grega "ser uma só alma" (Fl 1, 27). Fazendo referência ao *coração*, que para o homem bíblico é sede do pensamento e das disposições

²⁰ R. SCHNACKENBURG, "Lukas als Zeuge verschiedener Gemeindestrukturen" *BibLeb* 12 (1971) 232-247.

²¹ H. MENOUD, *La vita della chiesa primitiva*. La perseveranza nel fatto cristiano partendo da Atti 2, 42, Milano 1971; E. RASCO, "Beauté et exigences de la communion ecclésiale", *AssSeign* 23 (1970) 6-23; J. DUPONT, "La communauté des biens aux premiers jours de l'Église", *Études sur les Actes des Apôtres*, LD 45, Paris 1967, 503-519.

morais²², aprofunda o sentido do sintagma. Afirma, portanto, que o liame entre os cristãos diz respeito ao mais profundo de sua personalidade, implica uma decisão voluntária, um envolvimento de todo o ser²³. A realidade da *koinonia*, recordada no início do primeiro sumário, descreve assim sinteticamente as novas relações entre os fiéis, indicando seja a partilha dos bens, seja a comunhão espiritual que reina entre eles. Lucas sublinha que é a fé em Cristo que realiza essa *koinonia* (2, 44; 4, 32; 5, 14); a comunidade cristã, portanto, não é simplesmente a realização de um ideal humano de vida comum, próprio aos antigos, a exemplo dos pitagóricos e dos essênios, mas é determinada pela força de coesão que vem do alto. Por outro lado, o contato literário do texto de At 2, 45 (*não havia necessitados entre eles*) com Dt 15, 4 (*não haverá necessidade algum em teu meio*) indica que o evangelista considera o grupo de fiéis como o verdadeiro povo de Deus, a comunidade messiânica do fim dos tempos, na qual se realizam as profecias.

Em tal contexto significativo a expressão referida aos discípulos "estavam reunidos", repetida duas vezes no primeiro sumário (2, 44. 47), não indica só uma unidade de lugar no qual os cristãos de fato vivem (2, 1; cf. 4, 46), mas antes a dimensão de fraternidade, a consciência de formarem um só corpo. Essa realidade é sublinhada também pelo advérbio "unanimemente" que traz à luz a concórdia entre os membros da primeira comunidade. O termo, que nos primeiros capítulos dos Atos ocorre sempre em um contexto de oração, seja nas casas ou no Templo, parece expressar em particular a unidade da comunidade diante de Deus²⁴. De quanto foi dito, fica, pois, claro que o termo "irmãos", usado abundantemente pelo evangelista para significar os cristãos, exprime eficazmente as relações de amizade e de unidade entre os que crêem no mesmo Senhor²⁵.

Lucas não apenas sublinha globalmente a dimensão de comunhão existente na Igreja de Jerusalém, mas acentua o papel mediador dos Doze na constituição dos vários ministérios, demonstrando assim que eles

²² Lc 1, 66; 2, 19.35.51; 3, 15; 5, 22; 9, 47; 21, 14; 24, 38 e 1, 17.51; 6, 45; 8, 12.15; At 2, 46; 5, 4...

²³ J. DUPONT, "L'union entre les premiers chrétiens dans les Actes des Apôtres", *Nouvelles études sur les Actes des Apôtres*, LD 118, Paris 1984, 296-318 (304-305), apesar de B. GERHARDSSON, "Einige Bemerkungen zu App 4, 32", *ST* 24 (1970) 142-149.

²⁴ *Ib.*, 305-306. Mas no texto de 15, 25 o lexema indica a unanimidade de uma decisão autoritativa que diz respeito a toda a Igreja.

²⁵ 1, 15.16; 6, 3; 9, 30; 10, 23; 11, 1.12.29; 12, 17; 14, 2; 15, 1.3.7.13.22.23.32.33.36.40; 16, 2.40; 17, 6.10.14; 18, 18.27; 21, 7.17.20; 22, 5; 28, 14.15.

são os principais garantes da unidade.

Na eleição dos Sete são os apóstolos que convocam a assembléia e propõem a formação desse novo serviço eclesial, para ir ao encontro às novas necessidades da comunidade (6, 2). Depois de terem rezado, impõem as mãos aos escolhidos: realizam, portanto, não uma simples investidura jurídica, motivada por critérios de eficiência, mas um gesto que tem dimensão espiritual e chama o novo ministério a colaborar com a função apostólica.

Também em relação aos anciãos o evangelista indica o beneplácito dos Doze. Lucas fala da presença do colégio dos presbíteros em Jerusalém em 11, 30 e menciona em 12, 17, pela primeira vez, o seu chefe, imediatamente antes que Pedro se afaste da cidade, dirigindo-se "a outro lugar". O próprio apóstolo, depois da prodigiosa libertação do cárcere, convida os cristãos, reunidos na casa de Maria, mãe de João Marcos, a anunciarem os fatos acontecidos "a Tiago e aos irmãos". O momento dessa primeira menção do futuro responsável pela comunidade jerosolimitana é sintomático e mostra a intenção de Lucas de sublinhar o vínculo de continuidade que existe entre o ministério de Tiago e o de Pedro. É com a aprovação deste último que o irmão do Senhor exerce o seu ofício. Em At 15 Pedro e Tiago são de novo apresentados juntos na grande assembléia de Jerusalém e desenvolvem funções paralelas (15, 6-11.13-21). Se o chefe do colégio apostólico tem um papel determinante na admissão dos pagãos à fé, também Tiago tem sua importância: aprova o discurso de Pedro, fundamenta na Escritura a mudança histórica da Igreja e elabora algumas cláusulas a serem impostas aos convertidos do paganismo, para assegurar suas boas relações com os judeu-cristãos²⁶. Neste texto os anciãos são sempre mencionados junto com os apóstolos. Se se tem em conta que nos Atos, depois de 16, 4, não se faz mais referência nem a Pedro nem aos apóstolos, mas só a Tiago e aos anciãos (21, 18), é claro que a teologia de Lucas quer sublinhar a passagem gradual entre as duas formas de organização da Igreja que acontece na continuidade e no pleno acordo com os responsáveis maiores da comunidade. É interessante notar que, se a carta elaborada no concílio de Jerusalém, é enviada em nome da suprema autoridade da Igreja, isto é, dos apóstolos e dos anciãos, a quem é chamada a associar-se toda a comunidade (15, 22), em At 21, 25 Tiago e os presbíteros qualificam o decreto simplesmente como *nosso*²⁷: o que indica a consciência que este grupo tem de

²⁶ S.A. PANIMOLLE, "L'autorité de Pierre en Ga 1-2 et Ac 15", *Paulo de Tarse apôtre de notre temps*, Romae 1979, 269-289. Cf. W. DIETRICH, *Das Petrus-bild der lukanischen Schriften*, Stuttgart-Berlin-Köln-Mainz 1972.

²⁷ DUPONT, "Ministères" 160.

dirigir a Igreja em profunda sintonia com a primeira geração dos apóstolos agora desaparecida.

b) Os Doze e as Igrejas pré-paulinas

A referência aos Doze é sublinhada por Lucas não somente em relação aos vários ministérios no interior da comunidade jerosolimitana, mas também a propósito das fundações eclesiais da Palestina e da Síria.

O apóstolo da Samaria e da planície costeira de Azoto até Cesaréia (8, 5; 8, 40) é Filipe, um dos Sete (6, 51). O relato afirma que, quando chega aos ouvidos dos apóstolos de Jerusalém a notícia de que a Samaria recebeu a Palavra de Deus, enviam Pedro e João (8, 14). Na sua redação, Lucas está interessado em relacionar imediatamente a nova Igreja com o ministério dos Doze. Mas o envio não é simples operação de controle e sim um gesto que reforça e ajuda a crescer uma comunidade há pouco fundada: os dois apóstolos pregam e impõem as mãos sobre os recém-batizados, que recebem o Espírito Santo²⁸. Sublinha-se assim que a obra iniciada por Filipe é autenticada e ao mesmo tempo levada a sua realização pelos representantes da comunidade central, que ao voltarem a Jerusalém continuam sua tarefa de evangelização. Por isto, mais que simples supervisores, eles agem na Samaria como testemunhas da força libertadora do Evangelho (8, 25). A comunhão da nova comunidade com a Igreja jerosolimitana se define, assim, em termos de participação no mesmo dom de Deus, de partilha da mesma fé e da mesma alegria cristã (8, 8) e não implica só mera dependência jurídica.

A apresentação de Pedro que anuncia a Palavra e realiza milagres na comunidade de Lida (9, 32-35) e de Jope (9, 36-43), serve para ilustrar a ligação dessas Igrejas com Jerusalém, além de indicar a dimensão missionária do serviço apostólico. Ele é uma figura privilegiada de unidade também em relação à admissão na Igreja do primeiro incircunciso, Cornélio, que junto com sua família recebe o batismo (10, 1-48).

Também a propósito da Igreja de Antioquia, Lucas põe em evidência a relação com a comunidade de Jerusalém. Barnabé é enviado de Jerusalém (11, 20) a essa nova fundação, na qual os pagãos que abraçam a fé, são admitidos com os mesmos direitos dos convertidos do judaísmo. No texto ele não aparece como um diplomata inquisidor, mas como uma pessoa de ampla visão e clarividente, que compreende a situação nova que se criou em relação à maturação da consciência da Igreja

²⁸ O dom do Espírito segue ao batismo em 8, 14, antecipa-se a ele em 10, 44-47; 11, 15-17, é simultâneo em 19, 3. Lucas sublinha em todo caso a estreita relação entre batismo e Espírito.

daquele tempo. Ele é cipriota (4, 36), como um dos grupos dos fundadores da Igreja. Jerusalém escolhe, portanto, a pessoa mais apta, pela sensibilidade e cultura, para avaliar o que realizaram seus próprios contemporâneos que agiram movidos pela graça de Deus. Lucas aprecia seus dotes carismáticos e o admira: é um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé; sua presença suscita conversões (v. 24b). Ele não só reconhece a nova comunidade, mas a anima com inteligência e coragem, chamando para Antioquia Paulo, que se encontra em Tarso. Não podendo mais trabalhar em Jerusalém, por ser malquisto pelos judeus (9, 29-30), Paulo é recolocado no centro da vida eclesial e aí trabalha por um ano inteiro. Não obstante a diversidade de culturas e as modalidades diferentes de anúncio do Evangelho, aparece evidente no relato que as relações entre as duas Igrejas são de solidariedade e de comunhão, não de concorrência²⁹. O repetido sublinhar da expansão da Igreja de Antioquia indica, na perspectiva do evangelista, que ela é abençoada por Deus e corresponde a seu plano (11, 21.24b.26b). Não só a figura de Barnabé, mas também a do profeta Ágabo, que vem de Jerusalém a Antioquia, contribui para indicar a ligação entre as duas comunidades. A solidariedade é recíproca: na situação de fome que atinge a Palestina, é a Igreja de Antioquia que desenvolve uma função ativa, enviando aos cristãos da Igreja originária, qualificados como "irmãos", uma ajuda em dinheiro, pelas mãos de Barnabé e Paulo. O serviço de comunhão dos apóstolos encontra sua contrapartida neste ato de generosidade da nova fundação.

c) As Igrejas paulinas e a comunidade de Jerusalém

Também a propósito destas Igrejas Lucas põe em evidência o elo de união que as liga à Igreja de Jerusalém, mesmo que de um modo menos explícito. O evangelista não fala, como o faz a carta aos Gálatas, das repetidas viagens de Paulo a Jerusalém, para assegurar-se da autenticidade de sua pregação pelo confronto com os mais notáveis daquela Igreja (Gl 1, 18; 2, 1)³⁰. Não obstante, sublinha muito o contato que Paulo tem com Jerusalém e com a primeira comunidade cristã. Ele se encontra na cidade da qual se irradia a fé cristã, já antes de sua conversão (7, 58.60; 8, 3; 22, 3). Depois do episódio de Damasco, Jerusalém é o primeiro âmbito de sua atividade apostólica. Paulo não só tem relação com os discípulos, que suspeitam dele, recordando seu fanatismo perseguidor

²⁹ Cf. FABRIS, *Attì* 364-367.

³⁰ Sobre a diferença de cronologia entre Atos e Gálatas, cf. FABRIS, *Attì* 474-486; cf. C. H. TALBERT, "Again: Paul's Visits to Jerusalem", *NT* 9 (1967) 26-40; D. R. LACEY, "Paul in Jerusalem", *NTS* 20 (1973-74) 82-86.

(9, 26-27), mas com os mesmos apóstolos, a quem é apresentado por Barnabé que lhes explica a misteriosa mudança ocorrida na vida do recém-convertido. O v. 28, afirmando que Paulo "estava com eles", entrando e saindo de Jerusalém e falando abertamente em nome do Senhor, evidencia a comunhão e íntima familiaridade com a vida dos Doze, assim como sua participação no esforço de evangelização. O contato do apóstolo com a comunidade jerosolimitana é reforçado ainda em 11, 30, por ocasião da ajuda econômica da Igreja antioquena. Em 15, 2 Paulo está de novo com os apóstolos da Igreja-Mãe para discutir se são necessários à salvação os ritos religiosos judaicos. Todos esses elementos, espalhados pelo texto, ressaltam que na perspectiva lucana o apostolado de Paulo está em plena sintonia com o dos responsáveis mais autorizados da Igreja de Cristo e goza de seu beneplácito.

É interessante notar que, se, para o evangelista, Paulo não tem na Igreja a mesma função fundamental dos Doze e não é apóstolo em igualdade com eles³¹, recebe, no entanto, a qualificação de *testemunha* (22, 15; 26, 16)³², que é própria dos Doze³³. Ele não o é por procuração, como delegado dos apóstolos ou porque recebeu destes um mandato especial, mas porque viu o Senhor no caminho de Damasco. Aplicando esse título a Paulo só depois que os Doze saem de cena, Lucas indica desse modo a continuidade de seu ministério com o apostólico. Assim se nota que, nas três narrações da conversão de Saulo no livro dos Atos (9, 1-19; 22, 6-21; 26, 4-18), o acento se desloca progressivamente para sobre o fato de que Paulo recebe sua missão diretamente do Ressuscitado, sem a mediação de Ananias, aproximando assim sempre mais o seu mandato ao dos Doze (Lc 24,47; At 1, 8). De resto, o evangelista, apresentando a dinâmica dos Atos como uma proclamação que é destinada a chegar de Jerusalém até aos confins da terra, não pode deixar de considerar Paulo como o legítimo continuador do apostolado dos Doze, que, segundo o relato, se esgota em Jerusalém e no território palestinese³⁴.

A intenção de ligar a obra de evangelização de Paulo com a Igreja

³¹ Só em At 14, 4.14 Paulo e Barnabé recebem o nome de *apóstolos*, no sentido de *enviados* da comunidade, não no sentido denso atribuído aos Doze.

³² Cf. também 22, 18; 26, 22; 20, 21.24; 23, 11; 28, 23. Na teologia lucana Paulo deixa de ser contemporâneo e se torna sucessor dos Doze.

³³ 1, 8; 2, 32; 3, 15; 5, 32; 10, 39.41; 13, 31.

³⁴ Analogamente, a palavra de Jesus que constitui os apóstolos como "testemunhas para todas as nações" (Lc 24, 27) não pode realizar-se senão através da obra de Paulo. Cf. J. DUPONT, "L'apôtre comme intermédiaire du salut dans les Actes des Apôtres", *Nouvelles études sur les Actes des Apôtres*, LD 118, Paris 1984, 112-132 (121-122.131-132).

jerosolimitana aparece ainda no fim das viagens missionárias do apóstolo (21, 8). Ele termina sua terceira viagem em Jerusalém, onde se encontra com Tiago e os anciãos, numa cidade que, depois da grande assembléia de At 15, fica fora de seus itinerários. Lucas, mencionando-a várias vezes, cria um movimento rumo a ela. O apóstolo dirige-se para lá, desde o final de sua estadia em Éfeso, apesar das perseguições que lhe são preditas³⁵.

A coleta que Paulo leva aos anciãos de Jerusalém, no texto dos Atos é um motivo secundário para exprimir a unidade das Igrejas da Ásia e da Macedônia com a comunidade-mãe. Lucas, de fato, acena a esse motivo só em 24, 17, no contexto da apologia de Paulo diante do procurador Félix, dando assim ao tema um relevo muito menor que o que ele recebe no epistolário paulino (cf. 2 Co 8-9). As "esmolas" para Lucas são essencialmente um sinal de solidariedade do apóstolo para com o povo judaico ao qual permanece fiel, e não tanto um gesto de caridade das Igrejas da diáspora que desse modo retribuem ao dom da fé recebido dos cristãos de Jerusalém (Rm 15, 25-28). Mas, pelo contrário, um argumento relevante, com o fim de mostrar o desejo de fraternidade de Paulo com relação à comunidade jerosolimitana, apesar das diferenças culturais existentes, é o fato de que ele, seguindo a iniciativa de Tiago, pague as despesas para os judeu-cristãos que estão em vias de cumprir o voto de nazirenato e realize com eles os ritos no Templo (21, 20-24).

Na nossa opinião há ainda outros elementos da redação lucana que indicam a tentativa do evangelista de relacionar as fundações paulinas à Igreja originária. Não é por acaso que o companheiro de Paulo em sua primeira viagem apostólica seja Barnabé (13, 2.7.43.46.50; 14, 12.14.20), a pessoa da confiança dos Doze (11, 22). Tampouco parece sem importância que quem acompanha o apóstolo na segunda viagem seja Silas, apresentado em 15, 22 junto com Judas chamado Bársabas, como *pessoa influente* da comunidade de Jerusalém (15, 40; 16, 19.25.29; 17, 4.10; 18, 5)³⁶. Ele permanece com Paulo até Corinto, depois de uma breve separação em Beréia (17, 14-15).

³⁵ 19, 21; 20, 16.22; 21, 4.11.12.13.15.17. Jerusalém é mencionada no texto com diferentes nomes: *Ierusalém*, que indica a dimensão histórico-salvífica da cidade; *Hierosolyma*, que representa um conceito puramente geográfico. Cf. J. K. ELLIOTT, "Jerusalem in Acts and in the Gospels", *NTS* 23 (1976-77) 462-469; I. de la POTTERIE, "Les deux noms de Jérusalem dans les Actes des Apôtres", *Bib* 63 (1982) 153-187.

³⁶ O texto de 15, 34, "Pareceu bem a Silas permanecer lá e só Judas voltou a Jerusalém", é omitido nos códigos mais autorizados, mas se encontra nos códigos C e D e em outros menores. Isso quer melhor justificar a presença de Silas junto com Paulo, sublinhando sua proveniência da cidade de Jerusalém.

Pode-se afirmar provavelmente que a menção do ministério dos presbíteros na Igreja de Licaônia e da Pisídia, como na de Éfeso, que talvez não corresponde a um dado histórico³⁷, pode ser um elemento redacional através do qual Lucas sublinha a identidade de estruturas com a comunidade de Jerusalém e assim a unidade entre as várias Igrejas. Nelas é anunciado o mesmo evento salvífico (2, 23-24.31 e 13, 28-30.35-37; 17, 31), acontecem os mesmos atos essenciais, como a fração do pão (2, 42.46 e 20, 7.11) e a imposição das mãos (6, 6 e 13, 3; 14, 23; 19, 6).

Todos esses elementos indicam eficazmente que entre as Igrejas fundadas por Paulo e a Igreja de Jerusalém vige harmonia e continuidade. Assim, sem ter intenção demonstrativa, Lucas orienta para uma perspectiva clara: a da comunhão eclesial, no reconhecimento de modalidades culturais e de práticas eclesiais diferentes³⁸.

III. O EXERCÍCIO DA AUTORIDADE NA IGREJA

Frente ao panorama complexo da Igreja dos inícios, na qual unidade e pluralismo são duas dimensões coexistentes e que se implicam mutuamente, e onde a comunhão é garantida pela relação com o ministério apostólico e com a comunidade de Jerusalém, perguntamos: Como é apresentada nos Atos a autoridade dos responsáveis das comunidades? Referimo-nos em particular aos Doze que representam a estrutura básica de toda a Igreja.

a) O fundamento da autoridade

No relato não se põe em evidência em primeiro lugar o fato de os apóstolos serem chefes que gozam de autoridade particular, mas se insiste, ao invés, em que são testemunhas autênticas da palavra de Deus³⁹. Os discursos querigmáticos dos Atos, mais frequentes na primeira parte do livro, são exemplo eloqüente desta sua função⁴⁰. A autoridade de que estão investidos, manifesta-se sobretudo no exercício da tarefa fundamental do testemunho.

Note-se que a Palavra, objeto de sua proclamação apostólica, é apresentada com autonomia particular: penetrada de força divina (19, 20), salva os homens (13, 26) e dá a herança eterna (20, 32). Tem o po-

³⁷ Ver nota 19.

³⁸ Nos Atos se fala também das Igrejas de Putéoli e de Roma (28, 14-15), não fundadas por Paulo. Nelas se menciona a presença de "irmãos".

³⁹ Ver nota 33.

⁴⁰ 2, 14-36; 3, 12-26; 4, 9-12; 5, 29-32; 10, 34-43.

der de aglutinar a comunidade cristã (2, 41; 8, 14; 11, 1; 17, 11), cresce e se difunde progressivamente (6, 7; 12, 24; 13, 49; 19, 20), como progressivo é o aumento e a expansão da Igreja (2, 48; 5, 14; 11, 21; 16, 5). Em 13, 48 é, como uma entidade personalizada, glorificada pelos pagãos, que têm em relação à palavra uma atitude que nos Atos é reservada só a Deus⁴¹. Por isto no relato se especifica que os responsáveis pela comunidade são confiados à Palavra e não vice-versa (20, 32). A partir desses matizes redacionais de Lucas se pode afirmar, pois, que a Palavra tem um destaque maior que seus proclamadores: os apóstolos se reconhecem como meros *servidores* seus (6,4). Se essa expressão indica que a pregação é a tarefa específica de seu ministério, sublinha também que os Doze são dependentes dessa Palavra, submissos a ela, em constante atitude de escuta. Essa é a fonte de sua autoridade: da Palavra deriva seu vigor (4, 33) e sua coragem que se manifesta na proclamação mesma (4, 13.29.31; 2, 29; 28, 31); dela provém a força para interpelar os ouvintes, indicando-lhes as exigências inelutáveis do Evangelho e chamando-os à conversão (2, 38; 3, 19; 5, 32).

É necessário acrescentar que em 5, 32 o testemunho apostólico é relacionado ainda à força do Espírito: "Somos testemunhas destas palavras, nós e o Espírito Santo". Este, de fato, age através dos ministros da Igreja, apresentados como "plenos" desse dom divino: os Doze (1, 5), Pedro (4, 8), Estêvão (7, 55), Paulo (9, 17; 13, 9), Barnabé (11, 24), como toda a comunidade cristã considerada em seu conjunto (4, 31; 9, 31). Semelhantemente à Palavra, também o Espírito tem um papel autoritativo e imprevisível na história salvífica: sustenta a vida da Igreja (9, 31), orienta à missão (8, 29.39; 10, 19; 11, 12; 13, 14), impõe determinadas opções (10, 47; 11, 17; 16, 10), determina os atos e o comportamento dos missionários (20, 22.23). Por isso a atitude fundamental dos apóstolos não pode ser senão a de obediência: de fato, quem é o homem para poder opôr-se à força do Espírito (11, 17)?

Se o ministério do testemunho apostólico é normado pela Palavra e pelo Espírito⁴², também a função de responsabilidade na direção da Igreja, que os Doze possuem, é realizada por força desses dois parâmetros fundamentais do existir cristão. As escolhas concretas, como a reconstituição do número dos membros do colégio apostólico, a constituição dos Sete, o envio de alguns apóstolos às novas fundações são de fato operadas sob a inspiração da Palavra (1, 20) ou para seu maior serviço e promoção (6, 4; 8, 16.25). Por outra parte a admissão de Cornélio à Igreja é uma decisão tomada depois de se ter constatado a ação do Espírito

⁴¹ 4, 21; 11, 18; 21, 20; cf. Lc 2, 20; 7, 16; 13, 13; 17, 15...

⁴² A relação entre Palavra e Espírito é indicada em 4, 8.31; 10, 44; 16, 6.

que, por iniciativa própria, desce inesperadamente sobre os prosélitos (10, 44; 11, 15). E a declaração conclusiva da grande reunião jerosolimitana se fundamenta sobre a força do Espírito e sobre o reconhecimento de sua obra na comunidade: "pareceu bem ao Espírito Santo e a nós" (15, 28), onde a menção do Espírito precede a dos responsáveis pela Igreja.

Pode-se afirmar, portanto, que a autoridade apostólica, seja no que tange à função de testemunhar, seja em relação às opções frente aos problemas eclesiais, é espiritual e carismática, no sentido de que se fundamenta sobre a Palavra, é discernimento do Espírito e obediência a ele. Só assim a autoridade é exercida legitimamente e com proveito dos fiéis⁴³. Resulta, portanto, que, se Palavra e Espírito devem animar constantemente as tomadas de posição dos que são postos à frente na direção da comunidade, essas duas realidades, que se relacionam mutuamente, representam também o limite de sua autoridade. Esta, de fato, não pode exigir nada além ou além do que a Palavra e o Espírito determinam e orientam realizar; de outra maneira se transformaria em abuso ou em administração de poder não conforme ao plano de Deus.

b) O exercício da autoridade

Esclarecido o fundamento da autoridade apostólica nos Atos, perguntamos como ela é exercida concretamente. Nas primeiras páginas do relato aparece que o ministério dos Doze não prescinde da participação da comunidade que, de forma ativa, é chamada a intervir nas decisões que lhe dizem respeito. Na eleição de Matias, Pedro é apresentado "em meio aos irmãos" (1, 15), isto é, o primeiro núcleo eclesial constituído de cento e vinte pessoas. Se a proposta de escolher um novo testemunha para reconstituir o número dos Doze parte deles, é a comunidade toda que indica os candidatos, reza sobre eles, tira a sorte (vv. 23.25.26). Também na constituição dos Sete é toda a assembleia que toma parte na eleição das pessoas idôneas ao novo ministério, discernindo nelas o carisma do Espírito (6, 3.5) e propondo seus nomes aos Doze (v. 6a), mesmo que sejam estes que impõem as mãos aos escolhidos (v. 6b).

Nos Atos se pode, além disso, notar que os apóstolos normalmente são apresentados juntos e agem, em geral, colegialmente. A pregação oficial de Pentecostes é feita com autoridade por Pedro, mas ele é apresentado "com os onze" (2, 14); os que são tocados por suas palavras,

⁴³ A autoridade com que os apóstolos realizam milagres, se reclama do *nome* de Jesus, isto é, do Ressuscitado que continua a atuar na sua Igreja através do poder de seu nome (3, 6; 4, 10; 9, 34).

perguntam a "Pedro e aos demais apóstolos" o que devem fazer (v. 37). No relato da cura do aleijado da Porta Formosa, Pedro não age só: ele é, junto com João, representante de todo o grupo apostólico (3, 1.3. 11; 4, 1.13.19). Os dois apóstolos são mencionados juntos também no trabalho missionário na Samaria (8, 14-17). Após o relato da perseguição contra eles e de sua libertação, em 4, 33 Lucas focaliza de novo sua atenção sobre todo o grupo de apóstolos, que juntos dão testemunho da ressurreição de Jesus. É contra eles, em sua globalidade, que se acende o ódio dos chefes dos judeus em 5, 17-41.42. A estes é "Pedro com os apóstolos" que responde ser melhor obedecer a Deus que aos homens (v. 29).

Nesta perspectiva de coro, se a figura de Pedro, como o porta-voz e primeiro responsável pelo colégio dos Doze, recebe um destaque inegável, não aparece, no entanto, como chefe absoluto: sua autoridade é discreta e se exerce para confirmar os irmãos na fé (Lc 22, 31-34)⁴⁴. Pessoalmente intervém só no caso de Ananias e Safira (5, 1-11) e de Simão o Mago (8, 18-24). No primeiro caso para colocar os culpados diante da incoerência de seu comportamento, que o próprio Deus pune, não para tomar uma medida disciplinar na disputa; no segundo para proporcionar uma palavra autoritativa de condenação contra quem quer comprar com dinheiro um dom de Deus.

Tampouco no concílio de Jerusalém Pedro reivindica poder último de decisão, mesmo que a acolhida na Igreja, por parte sua, do primeiro prosélito incircunciso, seja um gesto normativo que ajuda a deliberação oficial da grande assembléia. De resto, o próprio apóstolo, logo após os acontecimentos de Jope e de Cesaréia, é chamado a prestar contas "aos apóstolos e aos irmãos da Judéia" pela inesperada mudança na evangelização, da qual Cornélio é apenas um caso típico (11, 1). Numa decisão de tamanha importância é todo o colégio que deve tomar parte na causa e ser envolvido, depois de se ter inteirado do modo como Deus e o Espírito dirigem as vicissitudes da comunidade cristã. A concepção de Igreja que emerge dessas páginas é, pois, a do discernimento em comum da vontade de Deus, do confronto dos projetos, da partilha das decisões, da participação.

Junto aos Doze, a figura de Paulo, o legítimo continuador da missão apostólica, é essencialmente a do pregoeiro da Palavra. Os gestos de autoridade que realiza, são limitados em número e não tem a força dos descritos nas cartas (1 Co 5, 5; 7, 25; 11, 16-34): junto com Barnabé institui os anciãos nas Igrejas da Ásia centro-meridional (14, 23), impõe as mãos aos fiéis de Éfeso para que recebam o Espírito (19, 6), promul-

⁴⁴ Cf. GEORGE, "Ministères" 372.373.

ga o decreto de Jerusalém (16, 4), recusa a participação de João Marcos na segunda viagem apostólica (15, 38) e escolhe, como seus colaboradores, Silas e Timóteo (15, 40; 16, 3). Não se trata, pois, tanto de ordens com autoridade, que exijam obediência, mas de atos que salvaguardam o bem das comunidades e sua continuidade, opções pessoais em ordem à missão.

No livro dos Atos o exercício da autoridade se dá, pois, de um modo sereno e pacato. Não é apresentada uma autêntica conflitividade entre cúpula e base ou entre centro e periferia. As tensões de fato presentes na primeira geração são recompostas num quadro harmonioso pelo evangelista, que considera função própria dos responsáveis da Igreja precisamente ajudar a resolver os conflitos existentes (6, 1-2). As intervenções vindas de cima são sempre acolhidas com satisfação: a carta apostólica gera em Antioquia "alegria pelo encorajamento que ela infunde" (15, 31) e seus portadores têm a tarefa de "consolar" e de "confirmar" (v. 32). No momento da expansão missionária da Igreja, há, de resto, uma convicção profunda de que a unidade é antes de tudo realizada na força do querigma e da ação do dom que o Cristo glorificado faz a sua comunidade. O ministério dos que presidem, se é fundamental na salvaguarda dessa dimensão eclesial, de fato tem uma função subordinada em relação à ação primária de Deus que congrega sua Igreja.

Só em At 20, 17-35, aproximando-se o tempo das heresias e, com o desaparecimento de Paulo, da ameaça de divisão da comunidade, Lucas dá ulteriores parâmetros para compreender o exercício da autoridade. Os presbíteros devem "dar atenção" a si mesmos e a todo o rebanho (v. 28). É este um aspecto da função pastoral que deve manifestar-se no governo e na direção da comunidade a eles confiada pelo Espírito Santo⁴⁵. O próprio termo *epískopo* que significa guardião, sentinela, com o qual se qualifica a figura do presbítero, indica de resto, na sua etimologia, a função de tomar conta, de preocupar-se. Essa tarefa é especificada na exortação a "vigiar" frente aos perigos internos e externos que ameaçam a comunidade (v. 31). Esse posicionamento não significa necessariamente uma atitude de conservadorismo. Lucas, de fato, sempre usa o verbo em contexto escatológico (Lc 12, 37.39; cf. 17, 3; 21,34): pressupõe, portanto, uma dimensão de abertura ao futuro; referido a uma comunidade viva, implica um aspecto dinâmico. Note-se que em At 20 os que presidem a comunidade nunca são chamados de *pastores*, como se poderia esperar do verbo *apascentar*, v. 28. Isso indica que eles são chamados a reger uma comunidade que não lhes pertence, mas que é posse

⁴⁵ O verbo *poimainein*, apascentar, qualifica a tarefa dos responsáveis pela comunidade também em Jo 21, 16; 1 Pd 5, 2; Jd 12.

exclusiva de Deus, único pastor em seu rebanho⁴⁶. Relacionando sua função com a mais completa doação de si, a exemplo do próprio Paulo⁴⁷, Lucas põe em evidência que o sacrifício que eles saibam fazer, fortalece sua autoridade.

c) A autoridade como serviço

Em uma comunidade fraterna, na qual a partilha tem papel essencial, o exercício da autoridade só pode ser serviço. Lucas define como *diakonia*, seja o ministério apostólico (1, 17.25), seja o de Paulo (20, 24; 21, 19). Mais: para o evangelista o termo conota em geral a dimensão-base própria a todo ministério (6, 1.2; 11, 29; 12, 25; 19, 22; cf. Lc 17, 8). O vocabulário lucano — e, de resto, o de todo o NT — não apresenta nunca um ministério da Igreja com os termos usados para qualificar uma autoridade política ou pertencente ao âmbito religioso judaico ou pagão. O lexema "chefe"⁴⁸, como o de "governante"⁴⁹ e o de "prefeito"⁵⁰ não aparecem nunca para indicar uma função eclesial.

A autoridade que os discípulos recebem de Cristo (Lc 9, 1; 10, 19) não é simples delegação de poder da base, nem a concessão de um monopólio exclusivista, mas é dom gratuito de Deus a ser exercido para o bem dos outros e do qual será preciso prestar contas. Lucas mostra bem essa dimensão na perícopa evangélica sobre quem é o maior (22, 24-27). Reconhecendo como questão pacífica a existência de autoridade no seio da Igreja⁵¹, exorta os responsáveis a não terem uma mentalidade de senhores ao dirigirem a comunidade (*kyrieuein*), mas só a de servidores (*diakonein*), segundo o exemplo de Jesus (v. 27b). A situação do texto, citado na secção relativa à ceia pascal, indica que também na Igreja, na qual a eucaristia cria vínculos de fraternidade e de igualdade

⁴⁶ Cf. Hb 13, 20; 1 Pd 2, 25; 5, 4; Jo 10, 11.14.16.

⁴⁷ Paulo *anuncia* (vv. 20.27), *ensina* (v. 20), *testemunha* (v. 21), *proclama* (v. 25), *exorta* (v. 31), no mais absoluto esquecimento de si mesmo (vv. 18.20.31) e sem poupar fadigas (v. 24).

⁴⁸ *Archôn*, Lc 8, 41; 12, 58; 14, 1; 18, 18; 23, 13.35; 24, 20; At 3, 17; 4, 5.8; 7, 27; 13, 27; 14, 5; 16, 19.

⁴⁹ *Exousiai*, Lc 12, 11.

⁵⁰ *Hêgemôn*, Lc 20, 20; 21, 12; At 23, 24.26.33; 24, 1.10.

⁵¹ Na passagem paralela de Mc 10, 43b se afirma somente: "quem quiser ser o maior entre vós será vosso servo". Lucas, no entanto, diz mais explicitamente: "o maior entre vós seja como o mais jovem e o que *preside* como o servo". Ele mostra assim refletir explicitamente sobre a situação dos ministros de seu tempo. Cf. DUPONT, "Ministères" 148.

(At 2, 42.46), é possível uma busca dos primeiros lugares, um desejo não-evangélico de poder.

Ainda na exortação à vigilância de Lc 12, 35-48, com linguagem parábólica, o evangelista reflete, na realidade, sobre os possíveis abusos de autoridade. Se os versículos iniciais (vv. 31-40) representam uma recomendação dirigida a todos de viverem na espera da volta do Senhor, a pergunta de Pedro, "Senhor, é para nós que estás contando esta parábola ou é para todos?" colocada no centro do trecho (v. 41), indica que a ótica da narração acaba focalizando os responsáveis pela comunidade, *nós*, em oposição a *todos*. O administrador fiel e prudente constituído chefe dos empregados, que não espanca os servos e as servas e não se entrega a outros desmandos (vv. 42.45), simboliza quem na Igreja detém a presidência. Eles têm função de grande responsabilidade⁵². Toda arbitrariedade no exercício de seus deveres será passível de castigo severíssimo: no seu retorno, com efeito, o patrão "esquartejará" e colocará entre as fileiras dos infiéis o administrador que abusa de sua autoridade (v. 46)⁵³. Compreende-se a gravidade de tal punição, se se tem em conta que Lucas, com vocabulário derivado do ambiente sócio-cultural de seu tempo, insiste sobre o fato de que a condição de todo cristão diante de Deus, independente do ofício que exerce na comunidade, é a do *escravo*⁵⁴: mais ainda, escravo inútil, como ele sublinha em 17, 10, numa perícope que não aparece nos outros sinóticos⁵⁵. Para o evangelista, portanto, o exercício da autoridade deve manter a característica de um serviço solícito aos irmãos que deve ser executado através de um discernimento atento da vontade de Deus.



Da análise dos Atos emerge, portanto, uma imagem de Igreja dinâmica, aberta ao Espírito, com instituições que mudam e se adaptam à vida dos fiéis. Lucas sublinha a existência de múltiplos modelos eclesiais complementares entre si e de uma variedade de ministérios. Desenvol-

⁵² O termo *oikonomos* em 1 Co 4, 1.2; Tt 1, 7 se refere à atitude de quem detém um ministério eclesial. Cf. 1 Pd 4, 10.

⁵³ O verbo *dichotomein* indica literalmente *fazer em pedaços* uma pessoa, desmembrá-la (Ex 29, 17; cf. 1 Sm 15, 33; Hb 11, 37).

⁵⁴ Lc 2, 29; 12, 37.43.45.46.47; 17, 7.9; 19, 13.15.17.22; cf. 16, 13.

⁵⁵ Alguns autores interpretariam também 19, 11-27 em relação à função dos dirigentes da comunidade no tempo intermédio: cf. J. ROLOFF, *Apostolat, Verkündigung, Kirche*. Ursprung, Inhalt und Funktion des kirchlichen Apostelamtes nach Paulus, Lukas und den Pastoralbriefen, Gütersloh 1965, 148.

vendo marcadamente sua teologia da mediação apostólica e recompondo, com olhar retrospectivo, uma caminhada que provavelmente se deu de maneira menos linear e conheceu conflitos não fáceis de serem superados, ele põe em evidência o papel unificante da comunidade-mãe de Jerusalém. Através de uma densa rede de relações liga a ela as outras fundações. A relação destas com a Igreja originária não é simplesmente de subordinação, mas sobretudo de integração, de subsidiariedade, de comunhão, baseada sobre uma complementariedade real, sobre uma circularidade efetiva de valores. Assim, a unidade se afirma no respeito ao pluralismo: ao mesmo tempo, a tensão missionária que pervade o relato está em constante relação com o congregar da Igreja.

Lucas insiste no caráter de obediência ao Espírito e à Palavra que a autoridade deve ter. Como tal, seu exercício não pode ser senão um serviço às diversas Igrejas, no reconhecimento dos dons plurivalentes que o Senhor lhes concedeu, de suas culturas e de suas legítimas autonomias. Daí deriva que a unidade da Igreja não é sinônimo de nivelamento ou de uniformidade, segundo um modelo pré-constituído. Trata-se, ao invés, de uma unidade a ser constantemente promovida e descoberta, ainda que seja pressuposta pela fé comum. Tem, portanto, um preço e está sempre além dos resultados já alcançados. Deriva do diálogo, não se satisfaz com soluções jurídicas, mas está atenta à possibilidade de realizações mais articuladas que reflitam melhor a ação efetiva de Deus na história.

A apresentação lucana relativa à comunhão eclesial e ao ministério apostólico continua sendo normativa para a comunidade cristã de hoje. Mas o passado não pode ser copiado, a Palavra revelada não dá soluções prontas. Só o atento exame dos sinais dos tempos permite fazer opções concretas. Desta maneira, a Igreja de cada época, animada pela força do Espírito, permanece criativa e fiel às vicissitudes humanas. Está sempre em construção.

(Tradução José Otacílio Leite S.J.)

Alberto Casalegno S.J. é licenciado em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico (Roma) e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Lecionou no Seminário Teológico do P.I.M.E., em Monza (Itália), e na Pontifícia Faculdade Teológica da Sardenha. Atualmente é professor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, MG. Publicou: *Gesù e il Tempio*. Studio redazionale di Luca/Atti. Brescia: Morcelliana 1984.

Endereço: Caixa Postal 5047 — 31611 Belo Horizonte - MG